



Universidade Federal do Pampa

**Campus Santana do Livramento
Graduação em Administração
Trabalho de Curso**

**O PROCESSO DE RESILIÊNCIA NA CARREIRA DE INDIVÍDUOS QUE
RESIDIRAM EM LARES DE INFÂNCIA EM SANTANA DO LIVRAMENTO-RS**

Autoria: Cibely Ribeiro Nunes
Orientador: Laura Alves Scherer

RESUMO

Na construção da trajetória de vida e trabalho, compreendida aqui como carreira, os indivíduos deparam-se com fatores que podem apresentar um risco ou uma proteção e que desencadearão estratégias de enfrentamento para a construção de respostas resilientes positivas ou ocultas. O objetivo geral deste artigo foi analisar o processo de resiliência na carreira de jovens que passaram por um lar de infância. De maneira específica buscou-se: a) Identificar as situações de risco/adversidade vivenciadas por esses jovens para iniciação de sua carreira; b) Identificar os fatores de proteção percebidos por esses jovens que auxiliaram nas suas trajetórias de carreiras; c) Identificar projetos individuais e coletivos da carreira desses jovens. Para isso realizou-se uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa com histórias de vida de uma mulher e de um homem que residiram em lares de infância na cidade de Santana do Livramento-RS. Entre os principais resultados obtidos, destaca-se que a família é central nas análises e se evidencia como fator de risco ao desencadear de respostas violentas, bem como fator de proteção, ao fornecer um suporte para momentos de estresse. Além disso o início da carreira dos jovens foi marcado pela desigualdade social. É possível visualizar que os indivíduos utilizam estratégias de desenvolvimento e superação e que seus projetos individuais e coletivos são afetados pelo campo das possibilidades ao longo da trajetória.

Palavras-chave: Resiliência; Carreiras; Lares de Infância

**THE PROCESS OF RESILIENCE IN THE CAREER OF INDIVIDUALS WHO
LIVED IN CHILDHOOD HOMES IN SANTANA DO LIVRAMENTO-RS**

ABSTRACT

In the construction of the life and work trajectory, understood here as a career, individuals are faced with factors that may present a risk or protection and that will trigger coping strategies for the construction of positive or hidden resilient responses. The general objective of this article was to analyze the process of resilience in the career of young people who went through a childhood home. Specifically, we sought to: a) Identify the risk/adversity situations experienced by these young people to start their careers; b) Identify the protective factors perceived by these young people who helped in their career paths; c) Identify individual and

collective career projects of these young people. For this, an exploratory research was carried out, with a qualitative approach, with life stories of a woman and a man who lived in childhood homes in the city of Santana do Livramento-RS. Among the main results obtained, it is highlighted that the family is one of the most important factors in the analysis and assumes roles of negative effects as a trigger of violent responses, as well as positive effects as a support for moments of stress. In addition, the beginning of young people's careers was marked by social inequality. It is possible to see that individuals used development and overcoming strategies, as well as negative strategies in the face of factors in their careers.

Keywords: Resilience; careers; Children's Homes

EL PROCESO DE RESILIENCIA EN LA CARRERA DE PERSONAS QUE VIVIERON EN CASAS INFANTILES EN SANTANA DO LIVRAMENTO-RS

RESUMEN

En la construcción de la trayectoria de vida y trabajo, entendida aquí como carrera, los individuos se enfrentan a factores que pueden presentar un riesgo o protección y que desencadenarán estrategias de afrontamiento para la construcción de respuestas resilientes positivas u ocultas. El objetivo general de este artículo fue analizar el proceso de resiliencia en la carrera de jóvenes que pasaron por un hogar de infancia. Específicamente, se buscó: a) Identificar las situaciones de riesgo/adversidad vividas por estos jóvenes para iniciar sus carreras; b) Identificar los factores protectores percibidos por estos jóvenes que ayudaron en sus trayectorias profesionales; c) Identificar los proyectos de carrera individuales y colectivos de estos jóvenes. Para ello, se llevó a cabo una investigación exploratoria, con enfoque cualitativo, con historias de vida de una mujer y un hombre que vivían en casas de infancia en la ciudad de Santana do Livramento-RS. Entre los principales resultados obtenidos, se destaca que la familia es uno de los factores más importantes en el análisis y asume roles de efectos negativos como desencadenante de respuestas violentas, así como de efectos positivos como apoyo a momentos de estrés. Además, el inicio de la carrera de los jóvenes estuvo marcado por la desigualdad social. Es posible ver que los individuos utilizaron estrategias de desarrollo y superación, así como estrategias negativas frente a factores en sus carreras.

Palabras-clave: Resiliencia; carreras; Hogares de Niños

1 INTRODUÇÃO

A sociedade foi sendo organizada e passou por vários movimentos que almejavam a conquista de direitos fundamentais das crianças e adolescentes. Um marco resultante desse movimento foi a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, quando os abrigos começaram a serem vistos como um espaço para proteção e direitos institucionais (PISKE, 2016). As entidades de acolhimento têm como objetivo oferecer um espaço acolhedor, protetor e que preserve a integridade física, pessoal e social do indivíduo residente. Esses espaços também devem estar integrados para zelar e educar levando em consideração as experiências, trajetórias e expectativas que poderão possibilitar o desenvolvimento da pessoa nos diferentes âmbitos e contextos (GOMES, 2016).

O papel da família assume importante fator socializador na vida de uma pessoa, mas motivadas por algumas situações adversas, como por exemplo a pobreza, desemprego, dependência em químicos e outros, há famílias que expõem os filhos a riscos e perigos e falham no desempenho desse vínculo, devendo o estado intervir e promover medidas de proteção e

acolhimento (SILVA, 2016). Desse modo, o impacto que a vida nas instituições, como lares de infância, tem nas crianças e jovens que passam pelo sistema de acolhimento pode ser tanto negativo quanto positivo, mas não é um processo simples que possa determinar quais são os fatores e qual o grau de impacto positivo ou negativo que a pessoa sofre (PESSOA, 2010).

Conforme os indivíduos começam a traçar a sua trajetória, há diversas situações de risco e proteção que são estressantes ao indivíduo (ENUMO; DA SILVA, 2016) e, em decorrência desses momentos, o indivíduo tende a desenvolver a capacidade de adaptação frente aos problemas ou de superação a traumas advindos de múltiplas relações, expressões e interações interpessoais, sociais e históricas e tenderão à adaptação para a sobrevivência. (ARAÚJO et al., 2018). Assim, um ambiente de proteção pode ser favorável para o desenvolvimento de características de resiliência, que por sua vez podem ser aliadas a fatores de risco que fortalecerão a capacidade de enfrentar as adversidades. Diversos fatores poderão ser considerados de risco ou de proteção, o que virá a ser classificado conforme a percepção do indivíduo que está sofrendo as ações das situações (FIGUEIREDO, 2016).

Durante a trajetória da vida de uma pessoa, haverá a influência de diversas instituições que se fazem presente no dia a dia. Assim, argumenta-se que a carreira ou trajetória de vida é uma construção individual realizada por meio das diversas escolhas feitas dos fatores de proteção, adversidade e risco que essas mesmas instituições poderão assumir.

Os lares de infância podem assumir diversos papéis na vida de uma pessoa, desde representar um fator de risco ou até mesmo de proteção para as crianças e adolescentes marginalizados. Para isso, é importante analisar como os indivíduos que residiram temporariamente nas instituições de acolhimento podem desenvolver seu processo de resiliência diante das diversas situações que viveram durante a vida e como essa instituição influenciou no processo de escolhas e na resiliência das suas carreiras. Assim esse indivíduo encontra-se em um campo de possibilidades que é estabelecido socialmente através de todas as vivências, interpretações e reinterpretções e não se limitando apenas aos planos ou decisões individuais, mas também, acerca de um ambiente influenciador de identidades. É importante investigar quais são os fatores de proteção e risco e o modo como os jovens encaram a vivência nesses locais temporários, almejando objetivos futuros e sendo resilientes nas suas carreiras.

É neste cenário que o objeto de estudo dessa pesquisa está inserido: Como se caracteriza o processo de resiliência na carreira de jovens que passaram por um lar de infância? Para responder a pergunta de pesquisa, o objetivo geral compreende-se em: Analisar o processo de resiliência na carreira de jovens que passaram por um lar de infância. Diante disso, delimitou-se os objetivos específicos: a) Identificar as situações de risco/adversidade vivenciadas por esses jovens para iniciação de sua carreira; b) Identificar os fatores de proteção percebidos por esses jovens que auxiliaram nas suas trajetórias de carreiras; c) Identificar projetos individuais e coletivos da carreira desses jovens.

Em relação aos estudos de resiliência na administração, a abordagem limita-se ao processo de enfrentamento de recuperação de crises em organizações e pessoas ligadas a essas empresas (MÖLLER; ROEHLICH, 2021; MASSUDA, 2021; LIMA; AQUINO, 2019). E em relação a estudos sobre jovens que residem em lares de infância é perceptível na área da psicologia e sociologia (FERREIRA, 2013; CAMPELO, 2020). Desse modo, esse estudo contribuirá para enriquecer uma ramificação social na área da administração, tratando-se de jovens em vulnerabilidade social que se deparam com as situações de crises e as maneiras de enfrentamento para o problema.

Logo, o estudo é importante para investigar o processo de resiliência dos residentes desde o primeiro contato com o lar de infância até o presente momento, a fim de que o mapeamento desse processo também possa contribuir para o melhoramento das atividades internas dos lares com a possibilidade de identificar os fatores que influenciarão na construção das carreiras de jovens fora do abrigo

2. RESILIÊNCIA

A resiliência conta com diversas interpretações e ideias, desde seu entendimento para o senso comum como também para a comunidade acadêmica (YUNES, 2003). Em alguma das suas interpretações, a resiliência consiste em entender e explicar os fenômenos relativos à interação social e psicológica do ser humano e às maneiras que os indivíduos, os grupos sociais e organizações tendem a superar as fatalidades e infortúnios desencadeados por essas relações com o ambiente (BARLACH; LIMONGI-FRANÇA; MALVEZZI, 2008). A resiliência também está ligada as reações dos indivíduos durante os percalços e as soluções inteligentes encontradas por eles (QUESSA; FISCHER, PUGENS et al., 2017), visto como uma habilidade que o ser humano tem ao crescer e seguir em frente diante das diversas situações vividas (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017).

Acontecimentos marcantes nas fases da vida podem gerar situações ruins, mas que muitas vezes não perduram por toda a vida e algumas abordagens sobre resiliência partem desse princípio para entender como há pessoas que se utilizam desses acontecimentos para saírem mais fortalecidas e superarem as adversidades (SEQUEIRA, 2009). Há também pessoas que não superam as adversidades e tendem a sucumbir e entrar em colapso (YUNES, 2003). Essa ideia também é apresentada por Scherer e Minello (2017) por dois aspectos, o negativo ou positivo, que são gerados pelo comportamento do resiliente

Em relação a eventos traumáticos que podem ocorrer na vida de pessoas resilientes, o trauma rompe as sustentações do indivíduo e o deixa vulnerável e com sentimento de abandono, ruptura, violação e carente de um ambiente invariável e assistencial para florescer a resiliência (SEQUEIRA, 2009) e se adaptar as novas mudanças de maneira positiva (QUESSA; FISCHER, PUGENS et al., 2017). Esse indivíduo que sofre algum episódio traumático ou uma situação adversa tende a reestruturar a si mesmo de maneira emocional e psicológica de maneira subjetiva e criativa, formando um novo meio de interação com o ambiente (OLETO; GUERRA; PALHARES et al., 2020). O comportamento humano é uma obra complexa que oscila e articula-se com as reações, satisfações, insatisfações, medos e fragilidades e que ao tencionar o psíquico do homem, a resiliência atua como um mecanismo de defesa ou enfrentamento das situações elencadas (VIEIRA; OLIVEIRA, 2017). Em um outro momento consiste em dizer que a resiliência é utilizada contra a vulnerabilidade, mas não pode ser considerada uma invulnerabilidade e tampouco significa a ausência de problemas, já que é na presença deles que a resiliência é posta em desafio e possibilita o crescimento psicológico do indivíduo (OLIVEIRA; GODOY, 2015).

A base para a definição de resiliência será tratada como a adaptação dos indivíduos perante as adversidades e as situações de estresse, mencionando frequentemente os termos: risco, adversidade, estresse e proteção para elucidar a teoria. Esses termos sofrem dificuldades na hora da distinção (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017), e suas interações poderão contribuir também para a desestabilização do equilíbrio mental (CHAVES et al., 2020). Essas circunstâncias implicam que, a pessoa, em determinada situação e de forma subjetiva e conforme sua percepção e interpretação atribuirá ao evento a sua devida classificação e intensidade percebida. (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017; OLIVEIRA; GODOY, 2015).

Um exemplo dessa concepção é a formação de gangues, podendo ser um fator de risco quando considerado o envolvimento com ações ilícitas, mas também pode ser um fator de proteção quando se leva em consideração a aceitação que esses grupos podem oferecer a pessoa, sendo assim caberá ao indivíduo o discernimento acerca dos acontecimentos e as duas devidas classificações. Podendo assim explicar que a resiliência pode ser alcançada de diversas formas,

até mesmo com comportamentos perigosos, delinquentes e dotados de desordem chamado de *hidden resilience* ou resiliência oculta (OLIVEIRA; GODOY, 2015)

Em relação aos fatores de risco presentes no ambiente econômico, social e psicológico são os que tendem a dificultar o desenvolvimento da pessoa: condições de socioeconômicas, rupturas nas relações pessoais, vivências de algum tipo de violência ou doença no próprio indivíduo ou de pessoas que possui convívio e apego emocional, além de perdas importantes (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017). A existência desses fatores propiciará a condição essencial para a deflagração de respostas resilientes (CHAVES et al., 2020). Concomitante aos fatores de risco aparecem também os fatores de adversidade derivados e associados a sentimentos e estado de angústia ou sofrimento que provém de um infortúnio, trauma, dificuldades, mudanças ou acontecimentos trágicos ou até mesmo a um evento positivo (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017)

Seguindo, os fatores de proteção emergem para que a integridade da pessoa seja protegida quando há a exposição aos fatores de risco, possibilitando o crescimento do indivíduo (OLIVEIRA; GODOY, 2015). Esses fatores poderão modificar, melhorar ou alterar o comportamento/instinto sobre os as situações consideradas perigosas (MONTOVANI, 2017) e protegerão dos possíveis efeitos negativos que poderão ter quando expostos aos riscos e adversidades (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017). Em relação a esses fatores poderão variar conforme o nível de sociabilidade, autoestima e a autonomia e podem ser os laços afetivos do sistema familiar ou outros sistemas que consigam oferecer suporte em momentos negativos, instituições como a escola, trabalho, igreja e os serviços de saúde ou qualquer outra organização (CHAVES et al., 2020), conforme citado por Oliveira e Godoy (2015), até mesmo uma organização criminosa, cabendo o discernimento do indivíduo.

Logo, a resiliência é o produto de saída depois de todo um processo de fatores de risco, proteção e adversidade. Bem como esses fatores se relacionam, a vulnerabilidade também se relacionará a esses termos e tenderá a identificar a vulnerabilidade do indivíduo não somente pela avaliação situacional, mas implicará em conhecer as características pessoais, as do ambiente e principalmente os fatores que estão relacionados (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017). A resiliência é um conceito dinâmico, em que diversos fatores interagem, não é fixa e pode aparecer e desaparecer em diversas áreas e se ausentar em diversas outras e afirma-se que o acionamento desse mecanismo de resiliência dar-se-á através dos processos e tensões entre os fatores apresentados (MONTOVANI, 2017). É importante destacar que em determinadas fases da vida da pessoa alguns fatores de resiliência tendem a ser mais determinantes já que as experiências e expectativas são diferentes em cada idade (OLIVEIRA; GODOY, 2015).

A interação entre as adaptações e as situações estressantes desencadearão estratégias de enfrentamento que são utilizadas pelos indivíduos resilientes. A expressão estratégia de enfrentamento é a tradução para o termo em inglês *coping*, também bastante utilizado no Brasil, porém para outros autores uma adaptação ou tentativa de tradução não é cabível (PAULA-JUNIOR, 2009). Há pessoas que buscam estratégias ditas eficazes e positivas, como o apoio social, a solução ativa do problema, investimento em relacionamentos, manejo das emoções ao expressá-las, ações positivas de aceitação da situação e também há a negação do problema, inatividade, consumo de álcool e drogas, criar ilusões e culpar a si mesmo são classificadas como estratégias negativas ou ineficazes. É possível considerar que o mesmo indivíduo pode apresentar diversas estratégias de enfrentamento diante de episódios estressantes. (OMAR et al., 2010; FERREIRA, 2018; FONTES; NERI, 2019).

As estratégias de enfrentamento constituem a resiliência, o qual avaliam os comportamentos, as pessoas e o ambiente e regulam a si mesmos quando são desafiados pelos eventos estressantes (FONTES; NERI, 2019), ou seja, envolve respostas cognitivas, comportamentais e emocionais que uma pessoa utiliza para gerenciar as demandas interiores e

exteriores das situações que são subjetivamente avaliadas como adversas e de risco, de modo que evite qualquer dano a sua própria integridade. Essas maneiras de enfrentamento dependem de fatores pessoais, sociais e/ou culturais relacionados o ambiente que está inserido (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017).

O *coping* não convencional (estratégia negativa) pode ser o desencadeador da *hidden resilience* (resiliência oculta), mas caberá ao sujeito classifica-lo como convencional ou não. (OLIVEIRA; GODOY, 2015). Há também estratégias em termos de adaptação e desenvolvimento, focalizando em 3 modelos:

- Estratégia de esquivar, que consiste no não envolvimento com as adversidades, por exemplo, fingindo que a situação não está ocorrendo, negar sentimentos ou escondê-los;
- Estratégia de adaptação, definida como uma maneira de tornar as adversidades partes integrante na aquisição de experiência, de maneira autodidata a como viver com aquela adversidade;
- Estratégia de desenvolvimento, caracteriza-se pela superação dos problemas de forma positiva a fim de que se obtenha aprendizados.

Essas 3 estratégias podem ser medidores de baixa ou alta resiliência (HILDON et al., 2010 apud FONTES; NERI, 2019).

Diversos estudos sobre resiliência em administração referem-se à resiliência nas organizações (SANTOS; BEUREN, 2019; VEASTÉGUI et al., 2017; NOGUEIRA; GONÇALO; VERDINELLI, 2017) e nas próprias empresas em seus processos para superação de desafios e crises. Estudos recentes abordam o tema de resiliência nas organizações no cenário de pandemia de COVID-19 envolvendo os diversos empreendimentos e setores (VALE et al., 2021; MARTINS et al., 2021) questões sobre a resiliência e o empreendedorismo feminino (DA SILVA, 2019). Em outros estudos é perceptível o uso da teoria da resiliência focado em um grupo de pessoas e não propriamente nos processos empresariais (PELLI; GOULART, 2017; OLETO et al., 2020; BACCHI et al., 2014), o que levanta indícios da relevância em se estudar o processo de resiliência relativo às carreiras de indivíduos.

3. CARRREIRAS

O conceito de carreira foi estruturado, estritamente, no século XX, no campo das profissões e das organizações (DE LUCA; DE OLIVEIRA; CHIESA, 2016). Atualmente, a compreensão de carreira está relacionada ao indivíduo da década de 90, encorajados pelo estilo ocidental e individualista. Após isso, e a partir de diferentes pesquisas em outras áreas, esse conceito assume duas posições: uma ligada ao *status* e cargos que são condicionados e estabelecidos pela sociedade e a outra posição estabelece à concepção do indivíduo sobre seus objetivos e sua própria vida. As carreiras podem ocorrer dentro e fora das organizações e são construídas tanto pelos aspectos individuais da pessoa como também pelo contexto em que elas vivem. Esse indivíduo teria autonomia para fazer suas escolhas e adaptar-se a todas as mudanças que venham a surgir na sua trajetória. (OLIVEIRA; FRAGA, 2020).

Gilberto Velho (2016), pesquisador das sociedades complexas e as multiplicidades desses espaços, propõe análises sobre fenômenos de fragmentação das metrópoles, consideradas como laboratórios, onde em um momento o sujeito se destaca devido as ideologias individualistas e, por outro, também está sendo influenciado pelas unidades englobantes, como nação, família e igreja e que inserem esse indivíduo em um *lócus* social para que desempenhe papéis – processo que é conhecido como individuação. Para essa sociedade que tem como predomínio o individualismo, são desmantelados diversos aspectos e neles cabe a noção de biografia.

Diversas atitudes vêm modificando o conceito tradicional de carreira, que até o momento estava associada a uma trajetória profissional, desenvolvida em uma organização.

Assim, a carreira passa a ser uma construção individual do indivíduo marcada por várias escolhas autônomas (SOUZA; LEMOS; SILVA, 2020). Esse conceito é dado para explicar que a trajetória do indivíduo passa a ter significado como elemento que constitui a realidade (VELHO, 2016). Esse indivíduo-sujeito, assim denominado por Gilberto Velho (2016), passará a traçar projetos para lidar com os sistemas de valores heterogêneos com os quais deve enfrentar. Esses valores, princípios e características são formadas através do convívio comunitário e podem ser fundamentais e importantes para construir e direcionar a carreira de uma pessoa (CALASANS; DAVEL, 2020)

Conforme Velho (2016), para traçar os seus projetos o sujeito irá utilizar a memória considerando as ações presentes e os fatos passados e influenciado pelo campo de possibilidades em que está inserido. Esse campo de possibilidades são as alternativas que são apresentadas ao indivíduo a partir dos seus processos sócio históricos e ao compreender esse campo será possível realizar a análise da maneira que os projetos se movimentam ao longo da trajetória de vida do indivíduo, sendo eles coerentes ou não e passam por diferentes ressignificações. A noção de projeto baseia-se em uma conduta para atingir finalidades específicas, tornando-se uma antecipação da trajetória futura. No projeto coletivo, estão incluídos nele os traços da família, instituições, grupos que serão interpretados individualmente (VELHO, 2016)

Em um outro contexto Mayrhofer, Meyer e Steyrer (2007) buscam desviar o foco do individual e elencar outros fatores que podem marcar e ajudar a construção das carreiras, sendo que esses contextos podem estar em 4 níveis: a) global; b) de sociedade e cultura; c) de origem; e d) de trabalho. Possível notar que para esses autores amplia-se essas raízes sociais em nível global.

Ao encontro dos autores Mayrhofer, Meyer e Steyrer (2007), Velho (2016) também explora essa perspectiva entendendo que esse indivíduo poderá enxergar o campo de possibilidades através de profissões, instituições, organizações e valores que são estabelecidos socialmente e que podem ser transitórios nas sociedades complexas. Logo, o indivíduo negociará entre diferentes mundos a partir de campos de possibilidade, e essa trajetória acontece ao longo de uma carreira. Essa negociação tem-se entre elementos objetivos e subjetivos e poderá ser compreendida como carreira de um indivíduo.

Em relação à origem, a abordagem de Mayrhofer, Meyers e Steyrer (2007) defende que as carreiras não são somente determinadas pelos planos ou decisões individuais, que o ambiente social é responsável pela maior parte da construção de carreiras, dado por dois motivos. O primeiro é o ambiente social funcionando como um espelho, as estimativas sobre uma posição relativa de uma pessoa no contexto social não se desenvolverão autonomamente, ela precisará de comparações sociais e métricas. O segundo motivo, as carreiras são fortemente influenciadas pelas identidades sociais dos indivíduos.

Além disso, leva-se em conta que a origem pondera em: a) Classe e origem social: são temas que contribuem para os diferentes aspectos da carreira. Sendo eles, a educação e a história individual, o contexto da vida atual – situação familiar, status marital. Há argumentos que a classe é mais importante nas sociedades desenvolvidas e deriva das desigualdades na posse de recursos e acesso à educação e oportunidades. b) Socialização educacional e História de trabalho individual: fatores importantes que contribuem dentro do desenvolvimento da carreira, compreendendo o relacionamento social e a construção da carreira. c) Contexto de vida atual: Não somente o contexto de origem, mas também o atual e a situação de vida pessoa, incluindo os fatores como a situação familiar ou matriarcal, enquadrar a estrutura de oportunidades de carreira relevantes para os indivíduos.

Em relação ao contexto da sociedade e culturas quatro aspectos podem ser mencionados como contextos elementares para as carreiras individuais: a) Gênero: Diversos aspectos relacionados as diferenças entre homens e mulheres como participação no mercado de trabalho, promoção e etc. Assim sendo uma categoria central de iniquidade, onde todos os membros da

estrutura social ativa ou passiva produzem e reproduzem a inequidade de gênero. b) Etnia: Essa questão de discriminação é baseada na raça ou na integração de um grupo minoritário étnico c) Demografia e d) Fatores sociais/comunitários: Como a integração dos indivíduos no contexto civil, político e religioso podem ser relevantes para as trajetórias individuais (OLIVEIRA; FRAGA, 2020).

O contexto é crucial para que seja formado um entendimento sobre carreiras através das enormes diferentes informações que são dadas ao ator da trajetória (GUNZ; MAYRHOFER; TOLBERT, 2011).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa tem como objetivo analisar o processo de resiliência na carreira de jovens que passaram por um lar de infância, assim caracterizando-se com uma abordagem qualitativa e do tipo exploratória desenvolvida através da triangulação dos dados com a teoria apresentada.

Em uma pesquisa qualitativa a realidade é múltipla e subjetiva, sendo que as experiências dos indivíduos e suas percepções são aspectos úteis e importantes para a construção da pesquisa (PATIAS; HOHENDORFF, 2019). Nesse mesmo contexto, Silveira e Gerhardt (2009) descrevem que o artigo qualitativo não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim com a compreensão de um grupo social, de uma organização e etc.. Ao utilizar-se desse tipo de abordagem o pesquisador busca explicar o porquê das coisas, uma vez que os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação). Sendo assim, o cientista assume tanto a posição de sujeito como de objeto e está sujeito a imprevisibilidade.

Em relação ao tipo de pesquisa exploratória têm como objetivo aprimorar hipóteses, validar e proporcionar familiaridade em um campo de estudo, e é mais utilizada em temas que são pouco explorados e podem ser aplicados em estudos iniciais para se obter uma visão geral sobre os determinados fatos (FRANCO; DANTAS, 2017). Essas pesquisas podem envolver levantamentos bibliográficos ou entrevistas com pessoas que tiveram experiências com o problema pesquisa (SILVEIRA; GERHARDT, 2009).

Dentre os diversos métodos optou-se pela história de vida, acreditando-se que essa estratégia favorece a exploração e discussão do problema proposto. O método de história de vida busca incorporar o sujeito da situação estudada como o produtor do conhecimento e do conteúdo em si estudado (SILVA, 2020), compreendendo um estudo aprofundado da vida de um indivíduo ou um grupo de indivíduos, incluindo-se a narrativa de vida, todos os documentos que estão disponíveis para a consulta, entrevistas com pessoas próximas ou situações que sejam passíveis a estudo. Assim, a história de vida trabalha com estória ou o relato de vida por quem vivenciou. Nesse caso, o pesquisador não poderá atestar a veracidade dos fatos, uma vez que é o ponto de vista de quem está narrando e o que será substancial para a pesquisa é o ponto de vista do sujeito, apreender e compreender a vida conforme ela é relatada pelo ator (SANTOS; SPINDOLA, 2003).

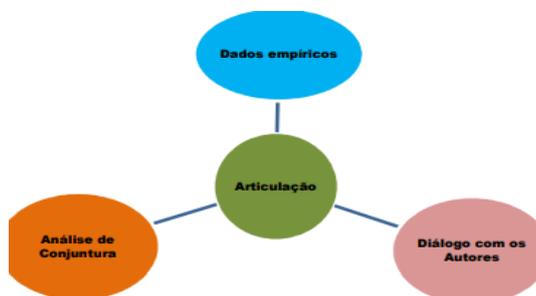
Para a realização do recolhimento das histórias de vida, realizou-se uma publicação nas redes sociais (Facebook e Instagram) procurando e convidando pessoas que viveram nos lares de acolhimento no município de Santana do Livramento-RS para que, espontaneamente, contassem a sua história de vida para esse estudo. Assim, através dessa publicação duas pessoas entraram em contato pelo mecanismo de mensagens e disponibilizaram-se para realização das entrevistas que foram feitas na cidade de Santana do Livramento-RS entre os meses de junho e setembro de 2021. Todas as entrevistas foram feitas de maneira *online* devido a pandemia de COVID-19 que ocorria no momento. Logo, foram entrevistadas duas pessoas, uma mulher e um homem maiores de 18 anos, que residiram, respectivamente, no antigo Lar de Meninas (hoje Lar de Infância Daniel Albornoz) e na Casa do Bem. Optou-se por maiores de 18 anos devido a acessibilidade para a realização das entrevistas.

Na coleta dos dados foram realizadas as entrevistas individuais abertas como instrumento de pesquisa para que pudesse haver uma aproximação ao método de história de vida. Sendo assim, para a realização da coleta de dados foram realizadas 3 entrevistas, que tiveram a duração média de 40 minutos cada e foram gravadas e transcritas. Apesar da tentativa de realizar mais entrevistas, foi possível contatar apenas a entrevistada e o homem não foi possível devido a sua agenda

Desta maneira, a entrevista partiu de dois pontos: 1) Qual a sua história? 2) Conte a história da sua carreira. Desse modo, o entrevistado contou abertamente sobre os pontos que achava interessante e viável em compartilhar sem que fosse interrompido e sem a emissão de opiniões por parte do entrevistador, ocorreram interrupções apenas para que alguns pontos ficassem esclarecidos, conforme orienta a metodologia adotada.

Para analisar os dados coletados através das entrevistas, foi feita uma triangulação dos dados das entrevistas com as teorias apresentadas no referencial teórico. A triangulação de dados pode ser definida como um procedimento metodológico que considera combinações de modo que consolidem a construção das teorias sociais, sendo uma alternativa para a validação da pesquisa, assegurando a compreensão mais profunda do fenômeno investigado (ZAPPELLINI; FEUERSCHUTTE, 2015). A triangulação está pautada em três aspectos, sendo o primeiro referente as informações concretas levantadas com a pesquisa, os dados empíricos, as narrativas dos entrevistados; em segundo momento o diálogo com os autores que estudam a temática em questão; e o último aspecto se refere a análise de conjuntura, entendendo a conjuntura como um contexto mais amplo e abstrato a realidade, conforme elucidado na figura 2 (MARCONDES; BRISOLA, 2013).

Figura 2 - Análise por Triangulação de Métodos



Fonte: autoria própria (2022)

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados estão divididos em quatro categorias, sendo que a primeira e a segunda se dedicam a contar as histórias de vida dos entrevistados. As demais categorias são análises das histórias coletadas e a triangulação desses dados com o referencial, baseado em identificação de fatores de risco e proteção (FIGUEIREDO, 2016) e os projetos individuais e coletivos dos indivíduos (VELHO, 2016).

4.1 História de Areta

“Eu quero falar, aquele lar de infância salvou minha vida (Areta)”

Minha entrevista com Areta aconteceu em meados de Junho de 2021. Não éramos amigas nas redes sociais, mas uma pessoa viu minha publicação, em que eu procurava pessoas que residiram no lar, e rapidamente enviou para a Areta. Ela prontificou-se em me conceder

uma entrevista para contar sobre sua história no lar de infância que, segundo ela, salvou sua vida. Areta mostrou-se disposta e empolgada, desde o começo, para contar a sua história.

Areta tem 38 anos - em setembro de 2021 completou 39 anos –, trabalha como operadora de caixa em um supermercado em Santana do Livramento-RS, cidade em que mora com seu filho de 13 anos. Há dois anos ela voltou de Santa Catarina para morar na casa que herdou da mulher que a adotou. Vítima da desigualdade social e da pobreza, foi através de denúncias realizadas por vizinhos ao conselho tutelar que Areta chegou, ainda muito nova, ao Lar de Meninas, como era chamado à época.. Com uma família grande composta por 10 irmãos, a mãe de Areta não tinha condições de prover a dignidade dos indivíduos que ali residiam. Segundo Areta, as denúncias foram feitas especificamente por uma vizinha que tinha o desejo de adotar as irmãs dela, mas a mãe biológica de Areta relutava para que isso não acontecesse.

Após esse episódio traumático de vulnerabilidade socioeconômica, Areta chegou ao Lar aos sete anos, junto com uma irmã mais velha. Ela conta que a irmã tinha um comportamento agressivo e rebelde e que se recusava em permanecer no Lar, tendo, posteriormente, fugido e deixado Areta sozinha. Os outros irmãos tiveram destinos distintos, algum familiar foi buscar ou outra pessoa, mas apenas Areta ficou na moradia. Subsequente a isso, Areta teve apoio da direção do Lar e foi encaminhada até a Santa Casa da cidade para que fossem realizados exames, uma vez que a mãe biológica de Areta possuía uma doença hereditária no pulmão e outros problemas que poderiam prejudicar a saúde da mesma.

Com o passar dos anos, Areta foi crescendo e continuava na moradia, pois não havia maneiras e nem pessoas para que ela fosse retirada. Inclusive, Areta conta que teve a visita de um irmão mais velho que prometeu tirá-la de lá. O rapaz fez várias visitas a ela, mas a cada visita que fazia, levava uma companheira diferente, demonstrando instabilidade e imaturidade para obter a tutela de um menor. Assim, devido ao descrédito demonstrado à direção do Lar, Areta não foi morar com seu irmão e permaneceu mais um tempo na moradia.

Eu lembro dele, foi no lar de meninas, foi me ver, eu sentei no colo dele e ele era enorme e as meninas ficavam olhando, porque ele era enorme, o meu pai era um negrão grande forte e aí ele saiu assim também. Ele falou pra mim que ia voltar lá e me tirar de lá só que nesse dia ele foi com uma namorada e no outro dia ele foi com outra namorada, aí ele marcou uma nova entrevista e foi com outra namorada. Eu acho que elas não levaram fé, né? Que ele ia fazer alguma porque elas achavam que ele não tinha nem namorada, nada, aí eles desconsideraram a vontade dele e ele não foi mais (ARETA)

No momento em que Areta completou 10 anos foi adotada por uma advogada, que mentiu no Lar das Meninas, alegando que cuidaria bem de Areta e a trataria da melhor maneira possível. Logo após chegar na casa, Areta deparou-se com uma situação adversa do que lhe foi prometido, a verdade é que a advogada adotou Areta com o intuito de que cuidasse dos filhos biológicos da jurista. Devido a isso, Areta voltou para o Lar depois de contar na Escola que frequentava, que estava sendo vítima da sua adotante. A direção da escola se prontificou a ajudá-la e ela voltou novamente para o Lar.

Após esses diversos eventos, uma nova família começou a aproximar-se de Areta com a pretensão de adotá-la. Uma mulher e seu esposo começaram a visitar Areta, aos finais de semana e levar para casa, visando um processo de adaptação. Areta conta que eles começaram a ficar juntos e a ter carinho mútuo, até que finalmente aos 13 anos, ela entrou para a família.

Quando residia no Lar de Infância, Areta revela que não tem lembranças ruins de lá e que agradece ao lar por ter influenciado a ser a pessoa que é hoje

“Assim ó, eu agradeço muito por ter ido pra lá, porque se eu não tivesse ido, pelas devidas condições que eu vivi, e se eu crescesse naquelas condições eu não sei quem eu seria hoje. E hoje, eu posso dizer, assim, que hoje eu sou dona de mim, eu tenho

minha vida, minhas coisas, não dependo de ninguém. E isso é muito importante e eu acho que foi lá, foi a minha base, assim ó, pra tudo. Aprender a ter horário, regras, a obedecer, aprender a ser humilde, tudo isso aí veio de lá. Tu aprende, assim ó, porque lá é muito regrado, é muito regrado e isso é muito importante e ajuda muito, me ajudou demais e *pras* minhas amigas também. Eu tenho um filho, eu explico para ele tudo, o que eu aprendi a fazer e para ele dar valor para as coisas (ARETA).

Areta conta que a rotina de todos que viviam no lar de infância era pautada em regras e disciplina. Acordavam as 6h da manhã para ajudar as tias¹ a preparar o café da manhã para as irmãs mais novas e, através do sistema de divisão de tarefas, as meninas residentes do lar, revezavam para manter a ordem do local. Areta conta que em semanas alternadas um grupo de meninas ficava responsável pela limpeza da sala, na próxima semana cuidaria da limpeza da cozinha, cuidado com as irmãs pequenas e assim sucessivamente. E caso houvesse uma pequena, as irmãs mais velhas deveriam cuidar dela. Dentre as memórias, Areta recorda que todas as meninas eram postas em fila para escovar os dentes, uma vez que todas, deveriam ir para cama dormir no mesmo horário.

Dentre os cuidados com a casa, com a troca de turno das funcionárias, as tias e as meninas responsáveis deveriam entregar todas as tarefas cumpridas para que a próxima funcionária desse continuidade no trabalho. Areta conta que no Lar de meninas havia peculiaridades, pois eram meninas de lugares, costumes, religiões, raças e origens diferentes. Dentre essas histórias, ela conta que havia meninas que sofreram abusos ou discriminação racial da própria família biológica. Ela conta que eram cenas bem fortes, pois as meninas chegavam ao Lar feridas, sujas e em péssimas condições, pois eram vítimas de abuso emocional, físico, sexual e alcoolismo. E os meninos, do Lar de meninos, também chegavam até a moradia vítimas desses crimes. Essa moradia dos meninos era diferente da moradia onde ficavam as meninas e localizada em outro endereço

Além das tarefas de cuidado com o Lar, as meninas deveriam apresentar diariamente às tias, suas atividades escolares prontas e o desempenho na escola. Areta conta que o Lar de Meninas proporcionou a instrução básica, pois todas as meninas deveriam estar matriculadas e frequentar instituições de ensino. Também, dentro do Lar, existiam oficinas de aprendizado e recreação. Areta conta que as oficinas eram diversificadas, inclusive, recebeu visita de uma tia da Noruega, que cantava músicas e contava histórias da Cultura Norueguesa. Elas dançavam, brincavam e faziam rodas no meio do pátio e embaixo das árvores. Uma das memórias de Areta é estar embaixo de uma árvore ouvindo músicas e histórias em um toca-fitas. Além disso, Areta contou também sobre as memórias de infância com crianças de fora do Lar, pois em uma certa época o Lar entrava em recesso e as meninas poderiam ir para casa de alguém para passar um tempo. Essa pessoa assinava um termo de responsabilidade para cuidar de Areta por esse tempo. Em um desses momentos Areta recorda que passava férias na casa de meninas e se divertia muito, brincavam e andavam de patinete. Para ela, esses momentos representavam uma certa liberdade, pois o lar havia muitas regras e os jovens que viviam ali eram geralmente magros, pois havia hora para comer e uma certa quantidade de comida. Quando ela ia para as amigas nas férias, podia comer à vontade, brincar, não tinha horário para dormir, dando a ela uma sensação de liberdade.

Concomitante a momentos de diversão, o apoio psicológico era imprescindível no Lar. Areta conta que havia uma sala chamada de Sala das tias, uma espécie de consultório, para que as meninas pudessem contar e desabafar todos os seus problemas. Areta relata que lá elas faziam papel de psicóloga, de mãe e de amigas em que poderiam contar todos as aflições e os problemas e receber suporte adequado. Areta conta que também nunca foi maltratada, enquanto esteve no lar as funcionárias apenas conversavam e instruíam as meninas

¹ Como os jovens chamavam as funcionárias do Lar e da Casa.

Areta conta que era comum que houvesse eventos beneficentes de pessoas que possuíam maior poder econômico e ajudavam para manter o Lar. Muitas dessas pessoas acabavam, também, adotando as crianças que moravam lá. Em um desses eventos beneficentes, Areta conta que teve seu primeiro contato com bebida alcoólica, pois um homem que participava da confraternização ofereceu a ela. Junto com os eventos, Areta conta que no período em que viveu na moradia nunca sofreu com falta de alimentos e outros tipos de assistências. Inclusive, recebiam ajuda do poder público.

Em relação a entretenimento, Areta conta que eles tinham um determinado horário para assistir a filmes e outros programas na televisão, mas de acordo com a faixa etária e sem imagens sobre violência, sexo, drogas ou outro assunto relacionado. Inclusive, Areta conta que uma das coisas que era ruim no lar é que eles não tinham conversas abertamente sobre assunto de sexualidade, drogas e violências, além de ter discursos machistas sobre o comportamento feminino:

Na verdade, assim ó, uma das coisas, eles nos tapavam muito os olhos, a gente não sabia como é que era a vida aqui fora. Quando eu saí aqui fora foi um horror. O menino tentou me beijar e eu entrei em desespero. Tipo assim ó, que esse guri quer me baba? A gente não via nada, era só Chaves², na época era só coisinha saudável, leve, sabe? E aí quando a gente se deparou com as coisas real, sabe? Que menina não podia usar uma roupinha curtinha, passava o mais velho, já achava que era pra ele e tava se mostrando, eu ficava tipo: “como assim?” Não, não entendia que era isso e isso era uma parte ruim de lá, que eles não mostravam esse lado pra nós. Não sei por medo, não sei o porquê. A gente arrumava o cabelo lá uma da outra, mas aí se entrasse uma que gostasse de menina a gente não podia fazer isso com ela, entendeu? Pra não incentivar (ARETA)

Como Areta foi adotada aos 13 anos, algumas outras meninas permaneciam no Lar. Areta contou que quando as meninas alcançam a maioridade elas devem desligar-se da moradia e ir para outro lugar, mesmo assim as funcionárias do Lar não as deixam desamparadas.

Eles ajudam, arrumam trabalho e até casa pra menina conseguir se estabelecer, eles não é assim ó, já chegou os dezoito anos, vai tchau, arruma a tua mala e bota pra fora, não, eles não fazem isso. Quando tá chegando perto, eles tentam organizar. E se eles não arrumarem assim, ó, se tu não quis estudar, porque é difícil não querer estudar porque eles fazem de estudar (ARETA)

Após sair da moradia e ser adotada pela nova família, hoje Areta leva uma vida diferente. Logo que saiu do lar, Areta mudou de escola, mas seguiu estudando. Aos 14 anos, Areta ansiava por ter sua liberdade financeira e pediu para sua mãe adotiva para começar a trabalhar, assim a mãe adotiva inscreveu Areta no programa Jovem Aprendiz e começou a trabalhar em supermercado da cidade de Santana do Livramento-RS. Algum tempo depois, Areta casou-se, mas não deu certo e mudou-se para Porto Alegre para tentar superar os problemas com o ex-companheiro. Na capital, a jovem não conseguiu nenhum emprego, até que a sua tia a convidou para morar em Florianópolis. Logo em que se mudou para lá, não teve dificuldades em buscar um novo emprego. Areta trabalhou lá em dois supermercados.

Ainda em Florianópolis, Areta engravidou do seu primeiro e único filho e retornou para sua cidade natal para ficar durante os meses de licença maternidade. Areta não tinha pretensão de ficar na cidade, mas a sua mãe adotiva pediu para que ela ficasse, pois não queria ficar longe do neto. Assim Areta retornou para a cidade. Logo após alguns anos, Areta voltou para Florianópolis. Foi casada há dois anos e separou-se, pois, foi um relacionamento muito conturbado. Nesse momento, Areta voltou novamente para Santana do Livramento-RS para

² Programa de televisão mexicana.

cuidar da sua mãe adotiva. Ela conheceu o ex-companheiro em um momento de fragilidade, eram vizinhos e a mãe adotiva de Areta estava doente e precisando de cuidados, esse homem ajudou-a e serviu como apoio para a situação difícil em que ela vivia, e foi nesse momento que ela se envolveu com o homem. Após 10 anos, eles se separaram e Areta vive apenas com o filho na antiga casa da mãe adotiva. Ela conta que o ex-companheiro foi até o outro estado atrás dela e foi uma situação bem ruim no qual ela não se sentiu confortável em compartilhar mais detalhes.

Areta conta que não sabia da doença degenerativa da mãe, mas que a sua mãe deixou todos os bens partilhados entre ela e os irmãos sem ninguém saber. Graças a sua mãe adotiva, ela conta que a mesma deixou uma pensão para o filho de Areta e metade da casa (a casa em que vive). Areta pensou em voltar para Florianópolis, mas devido aos laços que foram criados pelo seu filho na cidade, ela resolveu ficar. Estabeleceu-se e começou a trabalhar em uma loja de sapatos, mas devido a um problema de saúde em que não podia permanecer muito tempo em pé, pediu demissão. Após isso retornou ao seu primeiro emprego, no supermercado, como caixa, no qual ela permanece até hoje.

Areta, durante a vida adulta reencontrou a mãe biológica. Em um certo dia, Areta reconheceu a sua mãe no transporte público, trocou algumas palavras com ela, mas a mãe biológica não a reconheceu nesse momento Areta decidiu nunca mais procurá-la, porém, após a nossa segunda entrevista, feita em fevereiro de 2022, Areta conta que suas irmãs foram até o supermercado que ela trabalha pedir para ela falar com sua mãe biológica. Areta conta que foi até o hospital, identificou-se para sua mãe, que estava em estado vegetativo e logo após isso ela faleceu. Areta conta que recebeu notícias de outros parentes, mas segundo ela não quis saber e se envolver com eles.

Porque eu também não sei o que vou encontrar então é melhor deixar para lá. Tá bom assim (ARETA)

Em relação aos estudos, Areta conta que terminou o ensino básico, mas não fez nenhum outro curso ou quis seguir estudando, pois ela diz que não tem mais idade e nem paciência para isso, mas que busca sempre incentivar as outras pessoas e o seu próprio filho

Minha esperança é meu filho, quero que ele estude porque ele vai ter oportunidades que talvez eu não tive, pois passei por algumas dificuldades, no começo não tive uma mãe para me apoiar. Também sempre digo para os meus colegas do supermercado para estudarem, pois eles são todos jovens e eu aconselho a eles que não fiquem com 40 anos ainda aqui trabalhando, é um trabalho digno, mas eles têm que querer mais (ARETA).

Areta conta que quer cuidar do seu filho e investir no futuro dele. Um dos seus objetivos é poder prover o melhor para que seu filho possa ter uma vida confortável e que siga estudando para construir a sua própria família. Além disso, ela pensa em construir expandir e arrumar algumas coisas na casa que mora atualmente, pois seu filho está maior e ela acredita que ele precisa de mais espaço. Ela também conta que sonha em poder comprar um carro para ela e para seu filho, mas para ela, acima de tudo que ambos sejam ainda mais felizes. Em relação ao seu trabalho, Areta não pensa em mudar de profissão. Para ela, esse é um dos melhores momentos que está vivendo da sua vida.

Eu não tenho luxo, mas não passo aperto. Eu sou muito feliz, pois só de saber que eu não tenho mais aquele stress e todos os problemas que eu tinha antes já me considero feliz e quero que meu filho também seja ainda mais (ARETA).

4.2 História de Ícaro

Comecei a me transformar em meio rebelde, com 13 eu sai pra rua dar rolezinho, beber, fumar maconha, se enlouquecer na rua e nesses roles eu encontrei o Baco, era um amigo meu e também tinha o Dionísio, aí tá, esses dois eram meus amigos, aí esses foram os que me levaram mais pro lugar errado (ÍCARO).

Minha entrevista com Ícaro aconteceu em meados de setembro de 2021. Não éramos amigos nas redes sociais também, mas através da minha publicação à procura de ex residentes do lar, foi possível contatá-lo. No primeiro momento em que conversamos, ele tentou resumir sua vida em poucos minutos. Expliquei para Ícaro que ele não seria identificado nessa entrevista e que ele poderia se sentir confortável para me contar o que quisesse. Com um jeito desconfiado, Ícaro começou a contar a sua história de vida.

Ícaro tem 20 anos, solteiro, estava terminando o ensino fundamental e trabalhava como vendedor autônomo nas ruas de Santana do Livramento-RS. Ícaro chegou a Casa do Bem após brigar com sua mãe adotiva e viver nas ruas da cidade. Ele foi adotado por essa família com apenas 3 meses de idade, Ícaro conta que no começo a família gostava dele, mas a partir dos 8 anos a sua mãe adotiva começou a maltratá-lo e não ajudar mais em grande parte das coisas. Ícaro conta que antes disso, ele adorava estudar e ir à escola. Inclusive, fugia de casa para estudar. A partir do momento das agressões, aos 13 anos, Ícaro começou a fugir de casa para usar drogas junto com outros amigos que influenciaram negativamente no seu comportamento. Nesse período, Ícaro teve desavenças com sua família adotiva até o momento em que ateou fogo em seu quarto e passou a viver na rua.

Depois disso que eu fui embora, a minha mãe me procurou por um bom tempo, aí ela me encontrou na rua pediu pra vim pra casa eu falei que eu não ia voltar pra casa que eu não ia conviver mais com as pessoas que eu convivia, não ia conviver com ela porque se tipo se ela fosse melhor eu poderia ser melhor também, aí deu nisso. Eu fui pra rua mesmo, fiquei um bom tempo desde os 15 até os 16 anos (ÍCARO).

No tempo em que passou na rua, Ícaro conta que encontrou muitas pessoas na qual fez amizades e passou a conviver como família, pois encontraram apoio entre eles, até o instante em que o Conselho Tutelar encontrou e levou-o para a Casa do Bem.

Eu entrei lá na casa do bem, tá eles me deram roupa, me deram calçado, um monte de coisa. (ÍCARO).

Em relação à moradia Ícaro conta que havia pessoas que ajudavam a manter a Casa em turnos de 12h. Em certos momentos de recreação, eles iam para um rancho, jogavam vídeo game, brincavam e assistiam à televisão. Ícaro conta que na Casa do Bem, as funcionárias estavam constantemente incentivando a todos para estudar e realizar as tarefas da escola era obrigatório todas as noites. Ícaro conta que eles frequentavam as escolas com as outras crianças que não eram do Lar. Mesmo com todo incentivo, Ícaro, em diversas vezes, fugia da escola e ia jogar futebol na rua. Dentro da Casa, foram oferecidas diversas oportunidades para Ícaro. O primeiro curso foi de desenvolvedor de jogos que embora Ícaro gostasse, ele não tinha comprometimento e apoio suficiente para concluir. Outro curso oportunizado para ele foi o de cabeleireiro, mas para Ícaro era inviável já que ele não gostava de mexer no cabelo das outras pessoas, logo também não concluiu. Ícaro conta que hoje em dia se arrepende de suas escolhas, pois ao invés de fazer os cursos, Ícaro optava por fugir para rua e ficar fumando e passeando. A Casa também oportunizou diversos projetos que envolviam esportes, mas Ícaro conta que em um primeiro momento até sonhou em ser um jogador de futebol profissional, mas logo após isso, via apenas como diversão e não tinha o comprometimento para seguir como profissão.

Além disso, a Casa do Bem contava com uma equipe de psicólogos, nutricionistas e outros profissionais que garantiam o bem-estar dos jovens.

Tinha bastante coisa pra distrair a cabeça, não era tipo chato lá dentro tipo não era uma prisão era só um abrigo lá dentro. Eles diziam lá dentro que isso aqui não era uma prisão é um abrigo para vocês, um negócio pra vocês ficarem. (ÍCARO)

No começo, Ícaro teve dificuldades para se adaptar à moradia e para fazer amizades, mas logo enturmou-se. Diversas vezes ele e outros jovens brigavam.

Eu e o Ares uma vez brigamos porque eu dei um chinelaço na cara dele sem querer, a gente tava brincando de lutinha e eu dei sem querer, aí a gente se agarrou a pau e aí mandaram a gente pro hospital lá pra ver se ele estava mal aí depois que foi pra delegacia aí fizeram o BO (ÍCARO)

Além dessa história, Ícaro conta que teve outros episódios em que se envolveu em brigas na moradia, dentre elas por causa de apostas em dinheiro, para conseguir uma renda, que ele fazia com outros jovens e até mesmo desavenças por motivos fúteis que terminaram em violência física.

A gente tava brigando por causa do computador, aí a gente ficou nessa briga, aí a gente continuou discutindo, aí ele me deu um facada lá dentro (risos), ele me deu uma facada na parte da barriga, mas não foi muito fundo, foi só uma facadinha de leve, aí levaram a gente pro hospital, aí fizeram o B.O, aí foi só isso. Aí queriam mandar ele pra Uruguaiana, mas aí eu não quis depor contra ele, aí a gente virou amigo por causa disso (risos). (ÍCARO)

Quando Ícaro teve que ir embora da Casa do Bem tentou procurar outros familiares, inclusive enquanto esteve dentro da moradia apenas seu pai ia visitar, mas depois de um tempo nunca mais apareceu.

Naquela época tipo, eu só fugi de casa, só porque sim, porque tinha que acontecer, porque se não acontecesse aquele erro de eu fugir de casa eu ia continuar vivendo num local onde ninguém gosta de mim, onde iam me desprezar a vida inteira e coisa do tipo aí eu tive que ir embora. (ÍCARO)

Logo após sair da Casa, encontrou sua irmã e mãe de sangue e foi morar com a irmã. No tempo que esteve na casa de sua irmã, Ícaro teve que cuidar dos seus sobrinhos e fazer as tarefas domésticas que foi inaceitável para ele a ponto de fugir de casa novamente e ir para a rua. Na faixa dos 18 anos aos 19 anos ele viveu na rua novamente, passou fome, frio e sede. Por viver em condições de rua, Ícaro não teve oportunidades para estudar ou arrumar um trabalho. Uma vez que as pessoas ignoravam Ícaro ou ao ver que ele não possuía uma residência fixa não o contratavam para trabalhar. Até mesmo para retornar aos estudos, Ícaro sofreu dificuldades, o que o deixou sem motivação.

É que quando o cara tá morando na rua ninguém te dá um trabalho, a não ser que for pra descarregar o caminhão e coisa do tipo, mas aí é só uma xanga e não é trabalho, tu não consegue porque tu não tem apoio pra banho, tu não tem apoio pra nada na rua e as pessoas acham que é uma escolha tua estar daquele jeito e eu não buscava muito meus parentes porque eles não me ajudavam em nada e nunca vão me ajudar em nada também e sempre vai ser assim até o dia até o dia que eu tiver quase morto e eles vão chorar por mim (risos) (ÍCARO)

Nos momentos em que esteve sem um teto, Ícaro sempre ia nos eventos de RAP organizados por grupos de jovens e que aconteciam na praça da cidade. Para ele aquele

momento era incrível, onde ele podia participar e até mesmo teve a oportunidade de apresentar o evento para várias pessoas, mas sem remuneração. Além disso, Ícaro também participava como cantor e compositor, pois nas batalhas de rap, as rimas são improvisadas na hora.

Eu ia muito na batalha de rap, teve uma época que eu virei meio que apresentador da batalha de rap, apresentava tipo os MC que chegavam, não vou fazer a apresentação aqui (risos) (ÍCARO).

Em uma dessas celebrações, Ícaro conheceu Quíron e outros jovens que ofereceram ajuda para Ícaro encontrar uma residência. Enquanto os jovens juntavam dinheiro para ajudá-lo, Ícaro ficou, temporariamente, na casa da ex-namorada de Quíron. Quíron era produtor e junto com outros jovens tinham um estúdio de música e fabricavam e vendiam trufas para sustentar os negócios do estúdio. Com isso, viram uma oportunidade de oferecer à Ícaro, o primeiro e atual emprego, como vendedor de trufas.

O Quíron me chamou pra fumar um cigarro, aí a gente fumou um cigarro e disse “tá eu tô indo trabalhar” aí perguntei onde? E ele disse que tava indo vender trufa e eu perguntei “tá, mas pra quem tu vende?” e ele “pra Dione e pro Hélio, lá do estúdio.” E assim eu comecei a trabalhar. (Ícaro)

Ícaro conta que começou a frequentar o estúdio de música e a gravar raps junto com outros jovens artistas. Ele cantava e fazia composições junto com Téó, que também era morador de rua, e juntos produziram várias músicas no estúdio, por diversão e para tentar ganhar dinheiro. Eles divulgavam as músicas pelas redes sociais para que mais pessoas pudessem conhecer os trabalhos, mas infelizmente não recebia nenhum retorno financeiro e as visualizações eram baixas. Ele cita que Dione e Hélio, também do estúdio, foram responsáveis por ajudá-lo a sair das ruas de Santana do Livramento-RS e ter maiores possibilidades na vida, considerando-os como uma família. Com uma residência fixa, Ícaro matriculou-se em uma escola e voltou a estudar. Atualmente, ele está no último ano do ensino fundamental que passou com muita dificuldade devido a alguns problemas que não foram esclarecidos. Ícaro sonha em concluir o ensino básico e conseguir um emprego estável para poder se auto sustentar, pois mesmo vendendo as trufas, a sua renda é variável durante o mês e, além disso, ele tem que dar uma porcentagem das vendas para o estúdio. Dessa maneira, Ícaro ainda recebe o apoio de seus amigos para manter-se e pagar o aluguel da casa em que vive. E em relação aos seus pais, adotivos e de sangue, ninguém o procurou mais para oferecer ajuda em relação a moradia ou aos estudos, apenas seu pai adotivo. Ícaro também conta que não pretende procurá-los e cita que ele é sozinho.

Aí ele não falava nada, não podia fazer nada, ele só me procurou pra pedir desculpas, falar que ele não tinha como ajudar e coisa do tipo e só pra isso mesmo e por isso ele depois nem foi mais lá. (ÍCARO)

4.3 Fatores de Risco/Proteção

Para a análise, os fatores de risco e proteção serão analisados conforme a história de cada um, ou seja, nenhuma variável é fator de risco ou proteção, uma vez que qualquer fator pode ser de risco em uma situação e de proteção em outra, dependendo da relação estabelecida entre as variáveis individuais e o contexto socioambiental (CARVALHO; MORAIS; KOLLER *et al.*, 2007). A partir na análise encontrou-se três elementos, ora como fatores de risco, ora como fatores de proteção, sendo eles: Família adotiva/sanguínea e responsáveis legais, relacionamentos afetivos e trabalho.

Família adotiva/ sanguínea e responsáveis legais: No caso de Areta em um primeiro momento observou-se que o contexto de família, pai, mãe e parentes demonstravam ser um fator de risco devido a vulnerabilidade socioeconômica em que se encontravam e as questões que feriam a dignidade humana e tendem a dificultar o desenvolvimento da pessoa. Conforme Areta reafirma durante a entrevista, dependendo o ambiente em que vivia e a interferência em seu comportamento de maneira maléfica, ela acredita que o futuro teria sido traumatizante se continuasse naquelas condições (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017).

No momento em que Areta completou 10 anos, ela foi adotada por uma advogada que a colocou para cuidar dos filhos biológicos e a maltratou, caracterizando esse fator de risco como trabalho infantil. Para a superação desse problema, Areta buscou estratégias positivas e eficazes através da comunicação à escola em que estudava e o apoio do Lar para que ela saísse daquela situação (OMAR et al., 2010; FERREIRA, 2018; FONTES; NERI, 2019), utilizou uma resposta cognitiva de modo a evitar qualquer dano a integridade física e psicológica (FONTES; NERI, 2019; (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017)). Logo após o stress traumático, Areta foi adotada por uma família que representou um elo de proteção e a ajudou a superar as dificuldades passadas e as situações negativas (CHAVES et al., 2020). Dessa maneira, conforme a teoria apresentada, o ambiente, a percepção e a interpretação atribuirá ao evento a sua devida classificação. Em um momento, família e os laços sanguíneos apresentavam um risco e em outro momento a família adotiva foi um marco para que a sua vida mudasse. ((IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017); OLIVEIRA; GODOY, 2015).

Para Areta, o que também representou um fator de risco a longo prazo foi a questão do machismo e do tabu presente na época em que esteve no Lar. Uma vez que temas como sexo, drogas e violência não eram discutidos no lar e os comportamentos machistas eram propagados. Por esse motivo, ao sair do Lar, ela teve reflexos desses tabus nas suas relações ítimas de afeto, deixando-a vulnerável pela falta de conhecimento (OLIVEIRA; GODOY, 2015; IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017). Superando essas adversidades, Areta usou a estratégia de desenvolvimento, obteve aprendizados e busca não os reproduzir na criação de seu filho (OLIVEIRA; GODOY, 2015; HILDON et al., 2010 apud FONTES; NERI, 2019).

No caso de Ícaro, a família sempre representou um laço de risco, pois em várias situações demonstra estado de angústia, trauma e acontecimentos trágicos enquanto esteve ao lado de seus parentes sanguíneos e também dos adotivos (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017). Para Ícaro, viver em situação de rua apresentava maior segurança do que conviver com a sua família adotiva, uma vez que, sua mãe adotiva começou a maltratá-lo enquanto ainda era criança, o que representou um fato de risco provido de um estado de sofrimento (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017). Antes de abandonar a casa da família adotiva e ir para rua, Ícaro teve a atitude de atear fogo em seu próprio quarto, colocando a sua vida e a vida de outros em risco. Esse tipo de comportamento delinquente foi um tipo de estratégia negativa para alcançar a *hidden resilience* ou resiliência oculta (OLIVEIRA; GODOY, 2015; CHAVES et al., 2020).

Na rua Ícaro encontrava pessoas que se tornavam amigos e passavam a conviver como família, mas ao mesmo tempo em que Ícaro obtinha um laço de proteção com os outros moradores de rua, viver nessas condições apresentava um risco a sua integridade física e mental, pois vivia momento de falta de alimentos, água, sentia frio, calor. Sem ter como mudar aquela situação, Ícaro usava a estratégia de adaptação, porém não apresentava ambições de mudança. (HILDON et al., 2010 apud FONTES; NERI, 2019). Essas condições de dificuldade em que Ícaro vivenciou foram fatores que dificultaram seu desenvolvimento (CHAVES et al., 2020; (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017).

Relacionamentos afetivos/ grupos: Para Oliveira e Godoy (2015), a formação de grupos e gangues pode representar um risco e envolvimento em ações ilícitas, no caso de Ícaro vai ao encontro da teoria apresentada e ao mesmo tempo refuta essa análise. Uma vez que, Ícaro

cita que alguns amigos, Baco e Dónisio, apresentaram e o influenciaram ao uso de drogas e estimularam atitudes de rebeldia que o faziam se sentir bem e superar os momentos ruins em que esteve com sua família criando uma *hidden resilience* ou resiliência oculta desencadeada pelo *coping* não convencional- Consumo de drogas (OMAR et al., 2010; FERREIRA, 2018; FONTES; NERI, 2019; OLIVEIRA; GODOY, 2015). Ao mesmo tempo, encontrou outros grupos, que faziam batalhas de rap e que oportunizaram um espaço para Ícaro expressar-se e esquecer da condição de rua em que vivia, estimulando respostas resilientes e estratégias de enfrentamento positivas (OMAR et al., 2010; FERREIRA, 2018; FONTES; NERI, 2019). Essas mesmas pessoas, que ele considera como família, foram responsáveis por ajudá-lo a enfrentar os problemas de maneira positiva (CHAVES et al., 2020). Uma vez que devido aos riscos muitas pessoas tendem a entrar em colapso e não superar os problemas. (YUNES, 2003).

Na Casa do Bem, as amigas, em determinados momentos, representaram um elo de risco, devido a situações como brigas e tentativa de homicídio pelo seu colega da Casa. Ao mesmo tempo em que, apesar de haver desavenças, elas foram superadas e responsáveis por criar laços positivos de amizade e união, na situação em que Ícaro recusou-se a depor contra seu colega no caso da tentativa de homicídio com arma branca e ambos viraram melhores amigos (OLIVEIRA; GODOY, 2015). Nos diferentes momentos, Ícaro atribuiu em primeiro instante uma situação de risco e logo após, proteção, conforme sua percepção e intensidade percebida (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017); OLIVEIRA; GODOY, 2015). Essa situação, de comportamentos perigosos e delinquentes também é marcada pelo *coping* não convencional que gerou uma *hidden resilience* ou resiliência oculta (OLIVEIRA; GODOY, 2015).

Para Areta, as amigas criadas no lar revelam um elo de proteção. Era comum que no Lar houvesse eventos beneficentes para arrecadar recursos para a instituição, mas ao mesmo tempo Areta recorda que teve seu primeiro contato com bebida alcoólica, ainda criança, através de uma dessas pessoas que estavam no evento e não faziam parte do quadro de funcionários. Oferecer bebidas para menores de 18 anos, além de representar um risco a integridade física e psicológica, propicia o estímulo ao consumo e conseqüentemente ao vício, e além disso, essa ação é considerada crime desde 2015 pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº8069, art 243). É importante ressaltar que, no momento que esse fato aconteceu essa lei não estava em vigor. A vulnerabilidade do indivíduo também implicava e se relacionava a esses fatores de risco (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017).

Em um certo momento da sua vida, Areta teve que enfrentar os problemas de saúde da sua mãe adotiva e concomitante a isso conheceu seu ex-companheiro que representou um elo de proteção e ajuda naquele momento em que viva e após 10 anos, com esse mesmo homem ela passava por situações ruins e conturbadas. Conforme a teoria, a percepção dos fatores de risco e proteção podem alterar conforme o tempo e a situação (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017); OLIVEIRA; GODOY, 2015)

Trabalho: Para Ícaro houve muitas dificuldades em relação para conseguir um emprego devido a situação socioeconômica em que se encontrava o que dificultou o seu desenvolvimento na área financeira e educacional associado ao sentimento de infortúnio com as diversas vezes em que não teve apoio para mudar essa situação (IRIGARAY; PAIVA; GOLDSCHMIDT, 2017). Após isso, com ajuda de outras pessoas, ele tentou trabalhar com música, mas devido ao baixo retorno e não obter ganhos e nem reconhecimento através das redes sociais, mesmo assim, Ícaro não desistiu e tornou-se vendedor de trufas superando a adversidade sofrida anteriormente (SEQUEIRA, 2009; YUNES, 2003). Para Areta, o Lar e sua família adotiva sempre a incentivaram para que pudesse trabalhar e estudar, apenas em momentos em que esteve em Porto Alegre, Areta teve dificuldades em conseguir emprego. Nos demais momentos, ela sempre teve apoio da família adotiva e de amigos.

4.4 Projetos individuais e coletivos dos indivíduos

Na análise, os projetos coletivos e individuais se relacionam e interagem entre si dentro de um campo de possibilidades, por isso são complexos e os indivíduos podem ser portadores de projetos diferentes. O indivíduo traça e transforma seu próprio projeto com base na memória e no sentido que dá aos acontecimentos e então, essa conduta, atinge finalidades específicas para a construção da sua trajetória (VELHO, 2016). Desse modo, conforme as análises feitas e em relação à carreira, encontrou-se os elementos: campo das possibilidades e objetivos de vida.

Campo das possibilidades: Conforme a teoria apresentada, o conceito de carreiras está atrelado a uma construção do indivíduo em um *locus* social (VELHO, 2016). E o campo das possibilidades são as alternativas que são apresentadas ao indivíduo a partir dos processos sócio históricos com a possibilidade de análise sobre os projetos individuais e coletivos do indivíduo (VELHO, 2016). Na situação de Ícaro, em diversos momentos verifica-se que o ambiente foi um importante fator para que suas decisões fossem tomadas em relação a sua carreira, uma vez que nos momentos em que ele projeta sua trajetória, há uma negociação com elementos objetivos e subjetivos (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007; VELHO, 2016).

Logo na sua infância, Ícaro conta sobre seu desejo em estudar e até mesmo em momentos que fugiu de casa para que isso se concretizasse, mas devido ao contexto de vida em que estava inserido e aos maus tratos sofridos pela família adotiva fizeram com que a sua trajetória mudasse. O contexto de vida atual é um dos fatores que podem determinar a construção da carreira (OLIVEIRA; FRAGA; 2020). Após sua chegada na Casa do Bem, Ícaro recorda que todos os residentes eram obrigados a frequentar a escola regular e deveriam, todas as noites, apresentar as tarefas escolares feitas, mas segundo Ícaro, embora houvesse uma cobrança, ele não demonstrava interesse e até mesmo fugia da escola. Na Casa também foram oferecidos diversos cursos de profissionalização para Ícaro como o de cabeleireiro e desenvolvedor de jogos, mas Ícaro não gostava. Além disso, Ícaro também foi inserido em um programa de futebol, mas para ele era apenas diversão. O que demonstra que essa etapa da carreira de Ícaro foi influenciada, principalmente, pelos aspectos individuais e pelas diferentes informações dadas na sua trajetória (OLIVEIRA; FRAGA, 2020; GUNZ; MAYRHOFER; TOLBERT, 2011).

Em um dos momentos da sua trajetória, Ícaro viveu nas ruas, o que se demonstrou um fator decisório para impossibilitá-lo a dar continuidade aos estudos. Conforme Mayrhofer, Meyer e Steyrer (2012) a classe e origem social são importantes na composição da carreira e são derivadas da desigualdade social e o controle de recursos e acesso à educação e oportunidades, cuja restrição a educação e oportunidades é notado no caso de Ícaro, além dos fatores sociais e comunitários. Nesse mesmo período, Ícaro não tinha oportunidades de emprego e nem mesmo de condições básicas de higiene e alimentação. Conforme a abordagem de Mayrhofer, Meyer e Steyrer (2007) o ambiente social que Ícaro estava inserido funcionou como um espelho através das comparações sociais e métricas, uma vez que, as oportunidades eram negadas à Ícaro, pois a sociedade tende a fazer uma comparação social. Para a sociedade, as pessoas tendem a comparar-se a si próprio com os outros, levantando questões como “se eu posso fazer, ele também pode” e vice-versa, logo Ícaro era ignorado por estar em situação de rua e para muitos indivíduos não era necessário oferta-lhe ajuda, pois através da comparação social acreditavam que era a opção de Ícaro estar em situação de rua.

Após isso, Ícaro teve a oportunidade de apresentar eventos de rap que aconteciam na praça da cidade em que residia, mesmo sem remuneração. Além de poder atuar como cantor e compositor nas batalhadas de RAP. Em um desses momentos, as métricas e os valores sociais estabelecidos (MAYRHOFER, MEYER E STEYRER, 2007 VELHO, 2016) foram quebrados e ele teve a oportunidade de atuar como cantor em um estúdio e lançar o seu trabalho nas redes sociais. Impulsionados pelo contexto de vida atual, pelos valores estabelecidos e as

desigualdades (MAYRHOFER, MEYER E STEYRER, 2007), Ícaro não obteve remuneração e não teve seu trabalho reconhecido. Atualmente, com a ajuda que recebeu do pessoal do estúdio, Ícaro atua como vendedor autônomo de trufas, situação essa impulsionada pelo campo das possibilidades e as características do sistema que o direcionou para essa carreira (VELHO, 2016; CALASANS; DAVEL, 2020).

No caso de Areta, em um primeiro momento o contexto de sua vida era marcado pela desigualdade social, impossibilitando uma vida digna (MAYRHOFER, MEYERS E STEYRER, 2007), mas no Lar teve a oportunidade de mudar a sua trajetória. No Lar todos os jovens que ali residiam deveriam estar matriculados em escolas de ensino básico e recebiam a atenção sobre as atividades escolares por parte dos funcionários. Areta conta que participou de diversas oficinas de ensino que eram ofertadas pelo Lar, inclusive por pessoas de outros países. Os ensinamentos teóricos aliados a tarefas domésticas foram imprescindíveis, segundo Areta, para a construção de sua identidade e influenciam na sua vida até hoje. Esse momento da vida de Areta é fortemente influenciado pela socialização social e a história de trabalho individual, além de um contexto baseado em fatores sociais e comunitários (MAYRHOFER, MEYERS E STEYRER, 2007; OLIVEIRA; FRAGA, 2020).

Quando foi adotada pela primeira família, uma advogada, Areta sofreu com trabalho infantil, o que marcou a sua trajetória. Percebe-se que a classe e origem social atrelados a posse e controle de recursos foram responsáveis para que houvesse esse infortúnio na trajetória de Areta (MAYRHOFER, MEYERS E STEYRER, 2007). Em momentos em que mudou de cidade, teve seu filho, frequentou a escola e começou a trabalhar, Areta contou com a ajuda da família. O campo das possibilidades foram influenciadas pelo contexto familiar em que vivia (MAYRHOFER, MEYERS STEYRER, 2007; VELHO, 2016).

Objetivos de vida: Com o campo de possibilidades marcando a trajetória de Ícaro é possível notar que, como projeto individual, Ícaro tem o desejo de concluir o ensino básico para que possa melhorar sua condição financeira, pois o emprego atual de vendedor autônomo impossibilita que ele possa se auto sustentar. Em relação a projetos coletivos, Ícaro não cita nenhum envolvimento com sua família, instituição ou grupos (VELHO, 2016) e é perceptível os sentimentos de mágoa e irritabilidade com a situação, como no trecho “eu não buscava muito meus parentes porque eles não me ajudavam em nada e nunca vão me ajudar em nada também e sempre vai ser assim até o dia que eu tiver quase morto e eles vão chorar por mim (risos) (ÍCARO)”.

Para Areta, através das possibilidades do processo sócio histórico, os seus projetos são voltados principalmente para o coletivo, família e amigos. Ela quer prover a seu filho uma vida confortável e incentivá-lo e ajudá-lo nos estudos, pois segundo ela, ele tem mais apoio do que ela quando tinha a idade dele. Além disso, pensa em adquirir bens materiais para ela e para o filho, como a compra de um carro e a expansão da sua casa atual. Em relação a projetos individuais, Areta não pretende mudar de emprego, mas cita que acima de qualquer coisa quer ser feliz junto a sua família.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resiliência é a capacidade que os indivíduos têm de superar as adversidades e infortúnios na sua vida. Nesse sentido, este artigo se propôs a fazer reflexões sobre a resiliência na trajetória de vida e trabalho de pessoas que vivenciaram situações de vulnerabilidade social, tendo assim, como objetivo geral, analisar o processo de resiliência na carreira de indivíduos que passaram por um lar de infância. Para isso, realizou-se o recolhimento das histórias de vida de Areta e Ícaro, ambos moraram durante a infância em um lar no município de Santana do Livramento.

Desse modo, foi possível identificar as situações de risco e adversidade vivenciadas pelos indivíduos para a iniciação da sua carreira. Destaca-se que, a desigualdade socioeconômica esteve presente como fator de risco na trajetória do homem e da mulher esse ambiente teve interferência no comportamento de ambos. Para Ícaro a vivência em situação de rua representou uma ameaça à integridade física e psicológica dos indivíduos. Outro fator de risco que pode ser percebido em ambos os casos, foi a família. No caso de Areta, houve a situação de trabalho infantil cometido pela família que a adotou pela primeira vez e para Ícaro representou um estresse traumático atribuindo a eventos de maus tratos pela sua mãe adotiva. Em outro momento, questões envolvendo tabus e machismo foram considerados um fator de risco a longo prazo, uma vez que, o Lar censurou temas relacionados a sexo, drogas e violência e que representaram, no futuro, a vulnerabilidade do indivíduo. Para a superação desses fatores observou-se que a mulher usou estratégias positivas que desencadearam a resiliência, já o homem, utilizou-se de estratégias de *coping* não convencional que desencadearam a *hidden resilience* ou resiliência oculta.

Em outro momento, identificou-se as situações de proteção vivenciadas por esses jovens para a iniciação de sua carreira. Destaca-se, que a família assume também um fator de proteção em outro momento da vida de Areta. Esse fator foi responsável por contribuir com as questões de incentivo ao estudo e ajuda para questões relacionadas a trabalho. A vivência nas ruas, para Ícaro também representou um fator de proteção, pois embora estivesse desamparado, ele não queria sofrer violência na casa da família adotiva. Nesse caso, as amigas foram imprescindíveis, tanto nas ruas, como as que tiveram a iniciativa de ajudá-lo a sair dessa situação e mudar a situação socioeconômica. As amigas de Ícaro também surgiram de episódios de extrema violência na Casa e em todos os casos relacionados a Ícaro é possível observar a *hidden resilience* ou resiliência oculta.

Neste contexto, foi perceptível identificar os projetos individuais e coletivos na carreira desses indivíduos. Atualmente, Ícaro trabalha como vendedor autônomo de trufas de maneira informal e que não exige especialização e títulos na área, mas que é imprescindível para que Ícaro possua uma renda. Nota-se que em relação aos projetos individuais estão os estudos e a melhoria na condição financeira, como o término no ensino básico e a aquisição de um emprego melhor, mas em relação aos projetos coletivos de um dos entrevistados não há o envolvimento de nenhuma instituição. E em relação a Areta, atualmente ela trabalha como operadora de caixa em um supermercado através de vínculo empregatício celetista e não há exigência de especialização e títulos na área em que atua. No caso de Areta, é perceptível que todos os seus projetos são voltados para o coletivo, principalmente à instituição familiar. Para ela, não há mais espaço em sua vida para planos relacionados a seus estudos, mas que ela proporcionará o desenvolvimento dos estudos de seu único filho. Ela também almeja prover a seu filho uma vida confortável e a compra de bens, como um carro e a expansão da casa. É perceptível que os projetos individuais e coletivos são afetados pelo campo das possibilidades ao longo da trajetória.

A partir das análises foi possível responder o objetivo principal: analisar o processo de resiliência na carreira de indivíduos que passaram por um lar de infância. Pode-se concluir que para a formação da trajetória dos indivíduos que passaram no lar, alguns fatores foram atenuantes e estabeleceram maiores influências para a resposta de resiliência. É possível notar, que os casos se diferenciam, uma vez que, diante dos infortúnios algumas pessoas tendem a desencadear uma resiliência oculta através das estratégias negativas, como no caso de Ícaro. Em outro momento, apesar das vivências de Areta, ela utilizou-se das adversidades sofridas ao longo de sua trajetória para desencadear respostas e estratégias de desenvolvimento e superação diante aos problemas.

Como limitação da pesquisa, destaca-se a dificuldade de falar de um tema sensível, que é a trajetória das pessoas que passaram por um Lar de Infância. Além disso, houve dificuldades

para realizar mais entrevistas com os participantes, principalmente Ícaro, que desde o começo teve receio de conceder a entrevista. Para os estudos futuros, sugere-se a investigação mais aprofundada de como a situação de abandono e desigualdade social podem impactar no desenvolvimento de carreira e, sobretudo, da dignidade humana dos indivíduos que vivem em situação de rua, em abrigos ou em lares.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ludgleyson Fernandes de et al. Análise da resiliência entre pessoas que vivem com HIV/AIDS: um estudo psicossocial. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, 2019.

BARLACH, Lisete; LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina; MALVEZZI, Sigmar. **The concept of resilience applied to work in organizations**. *Interamerican Journal of Psychology*, v. 42, n. 1, p. 101-112, 2008.

BEUREN, Ilse Maria; SANTOS, Vanderlei dos. Sistemas de controle gerencial habilitantes e coercitivos e resiliência organizacional. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 30, n. 81, p. 307-323, 2019.

BRASIL. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 28 fev. 2021.

CALASANS, Roberto Guanabara; DAVEL, Eduardo. Gestão de carreiras criativas, identidade e cultura comunitária: Amadeu Alves e a cultura musical Irapuã. **Revista Administração em Diálogo-RAD**, v. 22, n. 2, p. 91-114, 2020.

CAMPELO, Carina Patrícia Pinto et al. **Apoio e Formação a Jovens na Casa de Infância Doutor Elísio de Moura**. 2020. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra.

CARVALHO, Fernanda Torres de et al. Fatores de proteção relacionados à promoção de resiliência em pessoas que vivem com HIV/AIDS. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, n. 9, p. 2023-2033, 2007.

CHAVES, Flora Lima et al. **Resiliência psicológica de estudantes universitários**: estudo em cursos de graduação, Educação & Linguagem · ISSN: 2359-277X · ano 7 · nº 2 · p. 98-115. MAI-AGO. 2020.

Conselho Nacional de Justiça, BRASIL. **Relatórios estatísticos Nacionais, 2021**. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/programas-e-aco/es/adocao/>> Acesso em: 25 fev 2021.

DA SILVA, Andressa Melina Becker; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Teses e Dissertações Brasileiras Sobre Fatores de Risco e Proteção, Vulnerabilidade e Resiliência na Adolescência. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, n. 14, p. 13-20, 2016.

DA SILVA, Pablo Marlon Medeiros et al. A resiliência no empreendedorismo feminino. **Gestão e Sociedade**, v. 13, n. 34, 2019.

DANTAS, OMANA; FRANCO, Maria Vieira Amorim. Pesquisa exploratória: aplicando instrumentos de geração de dados-observação, questionário e entrevista. In: **Educere-Congresso Nacional de Educação**. 2017

DELUCA, Gabriela; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei; CHIESA, Carolina Dalla. Projeto e metamorfose: contribuições de Gilberto Velho para os estudos sobre carreiras. **Revista de administração contemporânea**, v. 20, n. 4, p. 458-476, 2016.

DO CARMO, Paula Knychala; DE ALMEIDA, Verônica Cristina; DE BARROS FIGUEIREDO, Silva. Resiliência e fracasso escolar: uma análise dos fatores de risco e proteção presentes nas famílias e escolas capazes de interferir no processo de aprendizagem. **e-hum**, v. 8, n. 2, p. 27-36, 2016.

FERREIRA, Ana Isabel Cácia. **Percepção da qualidade de vida: um estudo sobre a percepção de crianças e jovens em lares de infância e juventude**. 2013. Tese de Doutorado.

FONTES, Arlete Portella; NERI, Anita Liberalesso. Estratégias de enfrentamento como indicadores de resiliência em idosos: um estudo metodológico. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 1265-1276, 2019.

FRAGA, Aline Mendonça; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei. Mobilidades no labirinto: tensionando as fronteiras nas carreiras de mulheres. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, n. spe, p. 757-769, 2020.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, v.14 n.28, p. 139 - 152, 2004

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GOMES, Marta Maria Carreira. **O papel do psicólogo nas instituições de acolhimento**. 2016. Tese de Doutorado.

GROTBERG, Edith Henderson (Ed.). **Resilience for today: Gaining strength from adversity**. Greenwood Publishing Group, 2003.

GUNZ, Hugh; MAYRHOFER, Wolfgang; TOLBERT, Pamela. Career as a Social and Political Phenomenon in the Globalized Economy. **Organization Studies**. 2011

IRIGARAY, Hélio Arthur Reis; PAIVA, Kely Cesar Martins de; GOLDSCHMIDT, Cristina Chaves. Resiliência organizacional: proposição de modelo integrado e agenda de pesquisa. **Cadernos Ebape. Br**, v. 15, n. SPE, p. 390-408, 2017.

LAVERDE-VERÁSTEGUI, G. L, RIVERA-RODRÍGUEZ, H. La disrupción: El punto de partida de la resiliencia o del fracaso empresarial (Reflexiones desde la ingeniería). **Revista ESPACIOS**, 38, 2017

LIMA, Diana Vaz de; AQUINO, André Carlos Busanelli de. Resiliência financeira de fundos de regimes próprios de previdência em municípios. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 30, p. 425-445, 2019.

MANTOVANI, Aline Madia. **Trabalho infantil e resiliência na vida de estudantes da EJA**. 2017.

MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira; BRISOLA, Elisa Maria Andrade. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista Univap**, v. 20, n. 35, p. 201-208, 2014.

MARTINS, Lucas Candeia et al. RESILIÊNCIA FINANCEIRA GOVERNAMENTAL E ENFRENTAMENTO À COVID-19. **Revista Gestão Organizacional**, v. 14, n. 1, p. 117-130, 2021.

MASSUDA, Adriano et al. A resiliência do Sistema Único de Saúde frente à COVID-19. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 19, p. 735-744, 2021.

MAYRHOFER, Wolfgang; MEYER, Michael; STEYRER, Johannes. Contextual issues in the study of careers. **Handbook of career studies**, 2007.

MÖLLER, Bianca Eugenia; FROEHLICH, Cristiane. A capacidade de resiliência de enfermeiros de instituições da área da saúde. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, p. 9-24, 2021.

NEJAR, Milene Cristina de Souza. **Práticas educativas em casas lares**: relato de uma intervenção grupal. 2011.

NERY DO VALE, ALINE FRANCILURDES et al. O impacto da covid-19 mediado pela resiliência humana em microempreendedores do ramo da beleza. **Revista Gestão Organizacional (RGO)**, v. 14, n. 1, 2021.

NOGUEIRA, M. D. G. S., GONÇALO, C. R., & VERDINELLI, M. A. **Proposição e validação de instrumento de mensuração da capacidade estratégica de resiliência organizacional**. Revista Espacios, 38, 2017

OLETO et al. **The role of resilience in the creation of meaningful work for young brazilian workers, victims of moral harassment**. Centro Universitário UNA, Belo Horizonte - MG, Brasil, 2020

OLIVEIRA, Adriana Leônidas de; GODOY, Monique Marques da Costa. The resilience process of young apprentices and the strategies to reconcile work and school. **Boletim de Psicologia**, v. 65, n. 143, p. 175-191, 2015.

OMAR, Alicia et al. Resiliência e enfrentamento do estresse em adolescentes. Efeitos mediadores dos valores culturais. **Psicologia em Revista**, v. 16, n. 3, p. 448-468, 2010.

PACHECO, Paulo Jorge Carvalho. **Lares de Infância e Juventude**: Contributos para um modelo de acolhimento e integração social. Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2010

PATIAS, Naiana Dapieve; VON HOHENDORFF, Jean. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Psicologia em estudo**, v. 24, 2019.

PAULA-JUNIOR, Wanderley de. **Resiliência: análise das estratégias de enfrentamento de pacientes em tratamento radioterápico**. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado).

Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Retirado de: http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php.

Pelli, A. O. & Goulart, I. B. (2017). **Fatores Responsáveis pela Resiliência de Funcionários de uma Organização Bancária**: Estudo de Caso. Revista Espacios,

PISKE, Eliane Lima. **Instituições de acolhimento sob o olhar das crianças: que lugar é esse?**. 2016. Dissertação de Mestrado.

QUESSA, B.; *et. al.* **A Importância da resiliência na Administração**. IN: 13º ENCITEC, 2017

SCHERER, Laura Alves; FERNANDO MINELLO, Italo. **Resiliência e expatriação: das adversidades à dinâmica do comportamento resiliente de expatriados**. Revista Alcance, v. 24, n. 3, 2017.

SEQUEIRA, Vânia Conselheiro. **Resiliência e abrigos**. Boletim Academia Paulista de Psicologia, v. 29, n. 1, p. 65-80, 2009.

SILVA, Bruno Henrique Pais. **Carreira e integração profissional de travestis e transexuais**. *Programa de pós-graduação em administração – ppga*. Universidade federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, 2020.

SILVA, Dina Elisabete Brás. **Instituições de acolhimento de crianças e jovens: eliminação ou atenuação do risco e perigo? – O caso do Lar Esperança**”. Instituto Superior de Serviço Social do Porto. Porto, 2016

SOUZA, Filipe Augusto Silveira de; LEMOS, Ana Heloísa da Costa; SILVA, Marcelo Almeida de Carvalho. Metamorfoses de um discurso: carreiras sem fronteiras e o novo espírito do capitalismo. **Organizações & Sociedade**, v. 27, n. 92, p. 95-112, 2020.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003.

VIEIRA, Adriana de Azevedo; OLIVEIRA, Carlyle Tadeu Falcão de. **Resiliência no trabalho: uma análise comparativa entre as teorias funcionalista e crítica**. Cadernos EBAPE. BR, v. 15, n. spe, p. 409-427, 2017.

YUNES, Maria Angela Mattar. **Positive psychology and resilience: focus on the individual and families**. Psicologia em Estudo, v. 8, n. SPE, p. 75-84, 2003.

ZAPPELLINI, Marcello Beckert; FEUERSCHÜTTE, Simone Ghisi. O uso da triangulação na pesquisa científica brasileira em administração. **Administração: ensino e pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 241-273, 2015